

FILMES NEGROS QUE NÃO TÊM LUGAR - PENSAR-ATLAS CONTRACOLONIAIS NAS ESCOLAS

Arthur Pereira Santos

Pesquisador de Pós-Doutorado – PPPD- Faculdade de Educação Unicamp

e-mail: atlasgeo@unicamp.br

Resumo

Este trabalho investiga filmes negros realizados em escolas públicas brasileiras, com foco na obra *Afrosonho: combinamos de voltar pra escola* (2025). O conceito de pensar-atlas é acionado como dispositivo cartográfico e contracolonial que reúne, monta e recontextualiza imagens-movimento subcomuns, revelando modos de vida e territórios que a lógica escolar hegemônica tende a invisibilizar. Dialogando com as noções de afrofabulação (Nyong'o, 2019), subcomum (Moten & Harney, 2013) e transfluência (Nêgo Bispo, 2015), o estudo articula geografia, cinema negro e educação, deslocando a ideia de representatividade para uma prática audiovisual que não tem lugar no circuito comercial. A partir da análise de procedimentos criativos e da montagem de *Afrosonho*, evidenciam-se práticas que desestabilizam o tempo linear, reconfiguram o espaço escolar e instauram circuitos de circulação subcomuns. Conclui-se que tais filmes funcionam como ilhas contrapontísticas, capazes de criar lugares para vidas negras e dissidentes que não cabem nas narrativas institucionais.

Palavras-chave: cinema; geografia; afrofabulação; educação; contracolonial.

Introdução

“Eles combinaram de nos matar
e nós combinamos de não morrer.”

(EVARISTO, 2017)

Entre o pátio e o portão, a luz da sala de vídeo e o barulho dos corredores, a escola desenha mapas próprios: entre sombras e projeções, gritos e sussurros, pequenas rotas de fuga vão sendo redesenhadas com e pelas imagens. Nesses entrelugares circulam gestos e fabulações que não cabem no currículo prescrito, embora dele façam parte. É ali que emergem filmes negros que “não têm lugar”: obras feitas por estudantes e educadores que, em vez de replicarem clichês, instauram imagens laterais, indóceis, imprevistas. São imagens-movimento (DELEUZE, 1985) que se afastam da pedagogia do enquadramento e aproximam a escola de experiências estéticas na negritude.

Propõe-se uma escrita-atlas para pensar tais filmes, em diálogo com a geografia crítica e teorias negras. Nomear o pensar-atlas como forma de pesquisa e escrita é assumir um duplo gesto: cartografar e intervir com imagens-movimento dos cinemas negros. Cartografar, para mapear como os filmes irrompem e tocam a vida escolar; intervir, porque a cartografia opera como dispositivo – arranjo que reorienta sensibilidades e ritmos, abrindo passagens para mundos antes considerados “impossíveis”.

Nesses contextos, a Lei 11.645/2008 não é mera obrigação, mas chance de sentir e pensar a negritude no tempo-espaço escolar para além das efemérides. Nossa hipótese é: quando a

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

escola acolhe a invenção com a diferença, filmes negros que “não têm lugar” fazem emergir o entrelugar para existir e deslocam a geograficidade dos livros e das ruas para as telas.

O texto está organizado em três momentos: (1) considerações sobre o dispositivo pensar-atlas e um modo de co-criação contracolonial; (2) análise da obra *Afrosonhos* (2025) em correlação com a obra *Unidos Pela Igualdade* (2024); (3) e notas sobre os efeitos geográficos e pedagógicos com introduzem a ideia de ilha contrapontística.

(Contra) Dispositivos e o pensar-atlas contracoloniais com imagens-movimento dos cinemas negros escolares

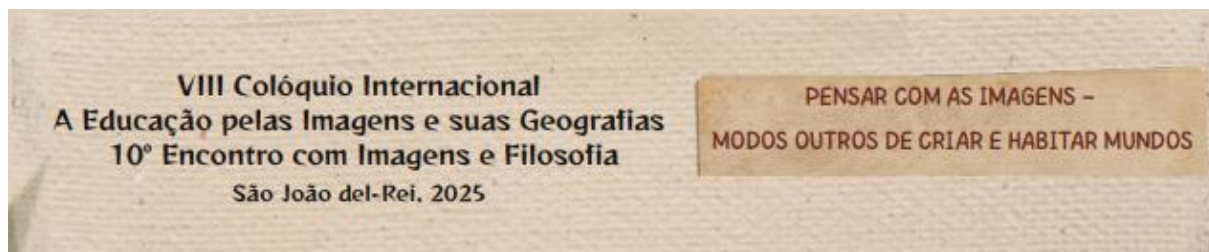
Sueli Carneiro (2005) define o dispositivo de racialidade como o conjunto de práticas, saberes e representações que produzem a construção do outro como não-ser, instaurando hierarquias raciais que operam tanto na materialidade das instituições quanto no imaginário social. Esse dispositivo não se restringe a manifestações explícitas de racismo: ele se infiltra na norma, na neutralidade aparente, nas pedagogias que, sob o pretexto de inclusão, reiteram a posição subalterna do sujeito negro.

No espaço escolar, o dispositivo de racialidade se atualiza nos currículos, nas imagens de “diversidade” que reforçam estereótipos, no enquadramento das expressões negras como folclore ou exceção. É contra essa engrenagem que as imagens-movimento dos cinemas negros escolares operam. Ao recusarem o papel passivo de “representar” a negritude segundo moldes institucionais, essas imagens instauram uma contra-coreografia: deslocam o enquadramento, subvertem o tempo linear, habitam o silêncio e o ruído como matéria criativa.

O *pensar-atlas*, nesse sentido, funciona como dispositivo de reorientação do olhar. Ele coleta fragmentos – planos de detalhe, gestos, vozes, sons do território, arquivos familiares – e os dispõe em montagens que não seguem a hierarquia da narrativa oficial. Assim, as imagens-movimento não apenas reagem ao dispositivo de racialidade, mas o atravessam e o desestabilizam, revelando o que ele tenta esconder: as zonas de co-presença, as fabulações que insistem em existir onde filmes negros não tem lugar - nas geo-grafias negras do subcomum.

Nesse horizonte, a proposição dialoga com as imagens-movimento deleuzianas – não como categoria histórica, mas como modo de sentir-imaginar: engendrar o tempo no movimento do corpo e da câmera (DELEUZE, 1985) nas práticas pedagógicas. Na escola que serviu de palco, a imagem-movimento se dá no corpo que atravessa o portão, nas mãos que folheiam Carolina de Jesus, no olhar assombrado por uma infância roubada. Quando essas imagens se entrelaçam às poéticas e urgências da vida negra, emergem formas afrofabulatórias: narrativas que, em vez de comprovar identidades, experimentam vidas (in)compossíveis (NYONG’O, 2019).

O subcomum (MOTEN; HARNEY, 2013) inspira o modo de organizar o trabalho: estudar-junto, conspirar, conjurar – produzir conhecimento no rumor e no cuidado, contra a gramática proprietária do “meu filme”, “minha autoria”, “minha nota”. Estudo é trabalho invisível



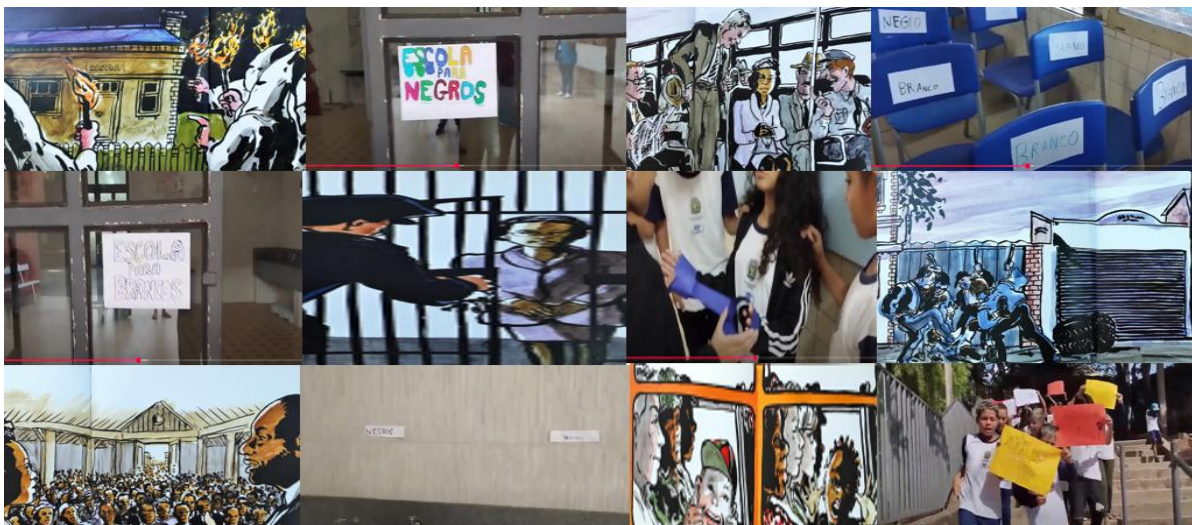
e batuque, segredo e partilha ancestral: um fazer-com que excede o cálculo escolar. Já a transfluência (SANTOS, 2015) ajuda a entender como saberes atravessam e deslocam formas de linguagem – do aquilombamento à mandinga – para o audiovisual escolar, onde voz, canto, corpo, terreiro e rua se inscrevem como grafias negras de corporeidades em expansão.

Transcrições contracoloniais: ver, tranver e transcriar

O processo de construção fílmica acionou um modo de fazer-junto – aberto e cambiável – que orientou o trabalho com a turma de EJA da escola Raúl Pila (Campinas-SP). Não se trata de um manual, mas experimentações que articulam práticas audiovisuais escolares a uma filmogRAFIA negra. Um cuidado central foi desacelerar para escutar e instaurar fissuras no cotidiano com/pelas imagens-movimento, por meio de encontros entre o que nunca havia sido mostrado e a experiência de vida dos estudantes.

De que modo fazer uma releitura situada de uma obra do cinema negro já existente, sem abdicar do ato livre de fabulação coletiva?

Figura 1 - Quando Rosa e Martin Vão à Escola Júlio Mesquita



Fonte: Filme “Unidos Pela Igualdade (2024) - EMEFEI Julio Mesquita Filho

No filme Unidos Pela Igualdade, estudantes da Escola Júlio Mesquita recriam episódios da vida de Rosa Parks e Martin Luther King. Mas o que se coloca não é a repetição de um passado, e sim a atualização da segregação em sua versão urbana no século XXI: ônibus lotados, escolas marcadas por zonas raciais invisíveis, cidades que segregam pelo CEP e pelo uniforme escolar. Ao simular o banco do ônibus separado entre brancos e negros, os estudantes operam uma torção do espaço-tempo, transformando o entrelugar-escola em cena de combate simbólico.

Deleuze (2007) nos lembra da potência do falso como aquilo que destrona o verdadeiro e afirma a coexistência de passados impossíveis. Os filmes escolares performam justamente

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

essa potência: são falsificações conscientes, insurgências fílmicas que recusam o papel designado e propõem uma outra distribuição espacial das paisagens revividas.

Com essa chave, escolheu-se um filme do dizer cinemas negros da Mostra Kino/Estudantil de Campinas-SP e fez-se releitura situada: não cópia, mas trans-fusão – deslocar cenas para o território escolar e para experiências dos estudantes, alterando a condução dos olhares e inserindo vozes e ritmos “impróprios”.

Figura 2 – Preparativos do filme “Afrosonhos: combinamos de não voltar pra casa”



Fonte: Arquivo Pessoal – Turma de EJA – Escola Raül Pila – 2025.

Quais procedimentos foram acionados?

O primeiro foi a montagem de um quadro de planos afetivos – registro do que tocou no filme original: por quê? De que modo? Quais sensações provocou? Caso fossemos contar a nossa própria história de luta, como ela seria? Ainda que inspirada na obra cinematográfica escolhida, a ideia foi criar uma relação e rasura sensível entre o original e a experiência vivida.

O segundo foi fazer encenações de um pré-roteiro com repertórios corporais nos quais os estudantes conversam com a câmera. Organizamos os estudantes em roda e passamos a câmera de mão em mão, pedindo que cada um filmasse a si mesmo como se estivesse reescrevendo um trecho da trama, mas dando continuidade ao que foi dito ou mostrado pelo colega anterior, criando uma narrativa coletiva em tempo real. Cada registro dialogou com um trecho do roteiro previamente definido, provocando questionamentos sobre o espaço (onde estamos?), o tempo (quando acontece?), os personagens (quem fala/age/vive?) e a trama (que história se tece aqui?).

O terceiro foi fazer um inventário audiovisual do entorno escolar e das atividades de saída de campo planejada pelos professores que atuavam de modo interdisciplinar. Percorremos o lugar buscando combinações de sons e imagens do bairro e da escola que dialogavam com elementos artísticos específicos da obra escolhida e do roteiro coletivo, criando um campo de ressonância estética que transformasse a escola num estúdio cinematográfico. Durante o processo de filmagem, os estudantes participaram de uma experiência formativa fora da escola, visitando o SESI-SP e o Centro Cultural Fiesp para assistir filmes da 20ª Mostra Internacional

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

do Cinema Negro (MICINE). Colocamos as câmeras nas mãos dos estudantes e pedimos para que eles registrassem a ida ao cinema feita pela turma do jeito que quisessem.

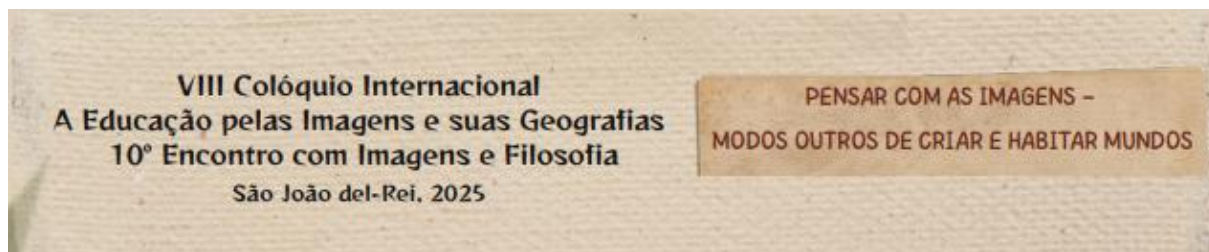
O quarto movimento se deu pela montagem por correspondências sensíveis entre os filmes assistidos e o roteiro, tal como entre memórias, o ato de voltar para escola passada a “idade regular” e seus sonhos. Os planos incluíram detalhes do cotidiano e entrevistas feitas por eles e entre eles. Os enquadramentos e a construção das cenas se deram na base do improvisado e no calor dos acontecimentos. Uma das maiores dificuldades talvez tenha sido conciliar as atividades curriculares dos estudantes e das nossas, assim como fazer a edição final que contemplasse tudo que foi vivido, mas que precisava ser reduzido ao tempo da montagem.

Afrosonhos – combinamos de voltar pra escola

A abertura traz a passagem do exterior para o interior da escola; uma voz ecoa, mesmo inaudível: “combinamos de voltar”. Em seguida, o pensar-atlas se evidencia ao montar espaços-tempos entre escola e cidade (corredores, salas, refeitório, rua, cinema), produzindo a topologia do retorno ao lugar de renascimento dos sonhos adiados, agenciado por fragmentos da capoeira, da literatura e da sonoridade negras. Embora haja entrevistas, a fala não domina: ela acontece com o corpo deslocado de Julia, que se vê aterrorizada pelo aparecimento de um suposto gambá. A “personagem principal” é o entrelugar – o subcomum que se faz na partilha de memórias e projetos adiados.

Há uma trama de amor entre Julia e Aisha (a cozinheira) que se recusa a ser lição de moral: duas mãos que se tocam discretamente sobre a mesa do refeitório, enquanto a câmera passeia trêmula e registra a existência de dois grupos: aqueles que riem do trauma e se mostram resistentes ao florescimento da diferença no ambiente escolar; e aqueles que a acolhem. Durante a montagem do roteiro e o processo de filmagem houveram momentos de questionamento: se o fio que pauta o preconceito de gênero/sexualidade e que atravessa a trama de modo colateral fazia sentido, tendo em vista que ninguém era igual a personagem principal. Todavia, nem tudo que se vê aparece e nem tudo que aparece é igual ao que se vive coletivamente. Julia e Aisha são disparadoras da reflexão sobre a violência familiar que atravessa corpos dissidentes e censurados por amar sem predicativos. Para os criadores-personagens do filme “elas eram apenas amigas”. Para o fora, notícias de jornais abrem fissuras em um cenário marcado pelo silenciamento.

O choque entre gestos e textos nos quadros não denuncia: desmonta o que estava escrito. O filme não se submete à estética da “boa conduta” escolar. Produz traços de uma geo-grafia do subcomum – estudo e marcha que não cabem no relatório de campo e no script curricular. Ao final, Afrosonho ressoa com Unidos pela Igualdade, especialmente na cena em que estudantes e comunidade protestam contra a demissão de Aisha por uma suposta relação com Julia, e pela “libertação de Rosa Parking”, ocupando a escola como arena de disputa de olhares. Aqui, a fabulação é intervenção contra a ordem do real (NYONG’O, 2019), recusando o roteiro dado às vidas negras e as condições hostis de sua aparição.



O que retorna à escola não é apenas o individual, mas um modo de vida que reivindica seu entrelugar – “combinamos de não morrer (Evaristo, 2017)”, ou melhor, de insurgir contra a separabilidade e a determinabilidade que tentam fixar o destino desses estudantes.

Figura 3 - Fotomontagem Unidos Pela Igualdade & Afrosonhos



Fonte: “Unidos Pela Igualdade (2024), 5’ Sofia Farias” e “Afrosonhos (2025), 9’ Criação Coletiva Raúl Pila.”

Muitas ações institucionais de “combate ao racismo” ficam na imagética da “diversidade” – cartazes, datas comemorativas, atividades pontuais. Em vez de “dar visibilidade”, importa subverter a linguagem e reconhecer que a gramática ainda hoje é anti-negra. O risco do colorismo institucional é produzir escala cromática como quota estética: corpos “aceitáveis” para cenas “aceitáveis”.

O pensar-atlas enfrenta isso ao privilegiar procedimentos que deslocam a lógica do encaixe e ativam a co-presença do subcomum. A noção moteniana de ilha contrapontística (Morten, 2013) oferece imagem geopoética: espaço simultaneamente singular e em relação, deslocado e conectado, fragmento que ressoa com outros sem perder autonomia. Transposta ao contexto escolar/audiovisual, convida a pensar cada gesto fílmico como ilha que se liga a outras por correntes invisíveis – planos, sonoridades, memórias – compondo arquipélago de resistências.

Conclusões

Retomar o percurso é voltar às passagens abertas entre portão e pátio, corredores e salas, telas e corpos que as atravessaram as filmagens. O pensar-atlas mostrou-se capaz de deslocar a escola do regime de enquadramento e da gramática anti-negra para um território vivo, no qual as imagens-movimento dos cinemas negros escolares operam como forças de fabulação, denúncia e invenção. “Afrosonhos” e “Unidos pela Igualdade” evidenciam como as imagens escolares articulam tempo e espaço para criar zonas de co-presença insurgentes de formas de vida negra.

As geo-grafias negras do subcomum são, portanto, um campo aberto — e caminhar por ele é tarefa urgente, delicada e infinita para quem insiste na existência de ilhas do subcomum: espaços antipredicativos de trânsito, de ensaio, de presença precária e insistente, onde se se

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

cartografam modos outros de habitar a escola. Cada obra é uma dobra do comum que não se deixa normalizar. Cada imagem uma abertura para um mundo que insiste em existir, mesmo sem ter sido feito para sobreviver.

A fala negra não ascende para o sol. Ela ecoa na noite reservada a EJA e nos paredões da madrugada. Sua força não está em se tornar visível, mas em continuar a vibrar — entre ruínas, músicas, câmeras, corpos e imaginações dissidentes. As geo-grafias negras do subcomum não se afirmam como identidade, mas como fantasia partilhada, como fuga coletiva, como afrofabulação contra o cárcere real.

Não se trata de ensinar, tão somente, conteúdos antirracistas sobre territórios africanos ou cultura negra. Trata-se de reconhecer que o próprio espaço escolar pode vir a tornar-se uma zona de investigação brutal. E que, contra isso, precisam emergir outras linguagens, outros filmes, outras geo-grafias — feitas por crianças, jovens e adultos que sabem, em sua carne, que ser mapeado é ser possuído — e por isso criam entrelugares que não se deixam capturar.

Reafirma-se o pacto que sustenta este texto e os filmes sem lugar que o inspiram: combinamos de nos formar habitando juntos imagens-movimento que reinventam a escola como arquipélago do subcomum.

Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonialismo, quilombos e lutas por emancipação*. 2. ed. Brasília: INCTI, 2015.
- BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 357 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: a imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: a imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MOTEN, Fred. *Blackness and Nothingness (Mysticism in the Flesh)*. South Atlantic Quarterly, Durham, v. 112, n. 4, p. 737-780, out./dez. 2013.
- MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. Wivenhoe / New York / Port Watson: Minor Compositions, 2013.
- NYONG’O, Tavia. *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life*. New York: New York University Press, 2019.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

OLIVEIRA Jr., Wenceslao. M. *Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores.*
In: Dossiê – A educação pelas imagens e suas geografias. Revista Pro-posições, V. 20 N. 3:
SET./DEZ.2009. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73072009000300002>. Disponível em: Acesso em: ago. 2025.

Filmes:

Afrosinhos: combinamos de voltar pra escola. Dir. Gustavo Albuquerque, Co-produção: Arthur P. Santos e Joel Horácio Felipe e Criação Coletiva Raúl Pila, Campinas-SP, 2025.

Unidos Pela Igualdade, 5', Sofia Farias, EMEFEI Julio Mesquita Filho, Campinas-SP, 2024.